

UM DIÁLOGO COM RICHARD SENNETT EM A CORROSÃO DO CARÁTER: CONSEQUÊNCIAS PESSOAIS DO TRABALHO NO NOVO CAPITALISMO – REFLEXOS NA PRÁTICA POLICIAL-MILITAR

VALÉRIA REZENDE GISCHEWSKI

1º Tenente QOS da PMMG. Especialista em Psicologia do Trabalho pela UFMG. Graduada em Psicologia pela PUC-MG.

Resumo: A partir do debate estabelecido por Richard Sennett e da contribuição de outros autores ante a vulnerabilidade do homem pós-moderno à fragmentação subjetiva e à corrosão do caráter provocada pela flexibilização do tempo – característica proeminentemente marcante da lógica neoliberalista –, este ensaio pretende provocar reflexões acerca das mudanças e consequências decorrentes do advento do novo capitalismo nas relações de trabalho, na vida familiar e na social. Ética e valores morais são colocados em questão frente aos avanços tecnológicos e científicos de uma sociedade pautada no efêmero, levando ao comprometimento das relações sociais e a novas enfermidades do homem sem referência que, segundo Jorge Forbes, tornou-se o homem “desbussolado” no século XXI. Defronte a essas transformações, considerações sobre seus reflexos na prática policial militar são tecidas, com o intuito de instigar a uma visão mais abrangente da realidade atual desses profissionais e construir propostas para a minimização de suas consequências.

Palavras-chave: Novo Capitalismo. Flexibilização. Ética do trabalho. Caráter. Polícia Militar.

Abstract: Based on the debate by Richard Sennett and on the contribution from other authors about the vulnerability of modern human being towards subjective fragmentation and corrosion of personality originated from the flexibility of time, which is a remarkable characteristic of neoliberalism, this study invites the reader to think about the changes and consequences of the new capitalism in the workforce, family and social relationship. Ethic and moral values are defied by technological and scientific advancements in a society that is ephemeral, which compromises the social relationship and leads to new diseases in the modern human being who has no north and who, according to Jorge Forbes, became the new “men with no compass” of the 21st century. These changes give rise to some considerations about the effects inside the military practice, with the objective to promote a broader vision about the reality of these professionals and build some proposals to minimize their consequences.

Keywords: New Capitalism. Flexibility. Work Ethic. Character. Military Police.

Sociólogo e historiador norte-americano, Richard Sennett é professor da London School of Economics, do Massachusetts Institute of Technology e da New York University. Publicou quatorze estudos, dentre eles, *A Corrosão do Caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*.

O livro tem por objetivo principal analisar as vicissitudes às quais o caráter vem sendo submetido pelas transformações sociais e econômicas advindas do capitalismo no final do século XX.

Através de narrativas históricas e teorias sociais, o tema se desenvolve em meio a descrições de modelos capitalistas de produção, nas quais se destaca a contraposição entre a rotina considerada como uma forma de aprendizado pela repetição – um “professor necessário”, defendida por Diderot e praticada por Ford – e a concepção de Adam Smith, adotada também por Marx, de que a rotina não contribui para o desenvolvimento do caráter; ao contrário, embrutece o espírito.

Ao descrever tais concepções, Sennett (2009) pretende evidenciar o quanto o debate entre Diderot e Smith permanece vivo na atualidade, época em que a flexibilização do tempo tenta atacar os males da rotina, com a premissa de maior liberdade propiciada pela capacidade de mudanças. Busca-se hoje abertura a essas mudanças – quase sempre bruscas, definição de metas a curto prazo, disposição ao risco e um não comprometimento afetivo nas relações de trabalho –, mesmo porque são relações momentâneas, que se desfazem tão logo a flexibilidade do tempo exija.

Tal liberdade, entretanto, como nos ilustra o autor, é uma liberdade ilusória, visto que a busca da flexibilidade como repulsa à rotina burocrática determina novas formas de poder e controle, além de provocar a sensação de uma vida sem continuidade com o passado, fragmentada, destituída de objetivos e metas a longo prazo, o que ameaça a preservação do caráter, corroborando com a ostentação da personalidade, termo tão evidenciado no novo capitalismo.

Caráter é um termo mais abrangente – envolve a relação com o outro, estrutura-se com o tempo e desenvolve-se com base em ligações mais profundas e duradouras. Sua expressão é mantida pela preservação de condutas éticas destinadas ao convívio social. A personalidade se constitui de traços particulares, acalentados pela projeção de si mesmo e estimados frequentemente como modos de diferenciação e destaque pessoal.

Diz Sennett (2009, p. 11): “Caráter são os traços pessoais a que damos valor em nós mesmos, e pelos quais buscamos que os outros nos valorizem”. A partir dessa conotação do termo, lança as questões:

Como decidimos o que tem valor em nós numa sociedade impaciente, que se concentra no momento imediato? Como se podem buscar metas de longo prazo numa economia dedicada ao curto prazo? Como se podem manter lealdades e compromissos mútuos em instituições que vivem se desfazendo ou sendo continuamente reprojctadas? (SENNETT, 2009, p. 11)

A isso pode-se acrescentar: Como buscarmos a igualdade social em uma sociedade em que se exaltam as *personas*¹ em detrimento da comunidade, onde busca-se desenfreadamente o sucesso individual a qualquer preço, sob a máscara da necessidade de sobrevivência?

Tais questões ilustram a condição humana atual, caracterizada por conflitos e expectativas muitas vezes frustradas de reconhecimento do mundo e no mundo, levando em consideração que os avanços da tecnologia e suas repercussões no campo do trabalho levaram o homem a um estranhamento em relação às suas tarefas, às quais não têm mais a familiaridade que o singularize como profissional, ao contrário do que se podia verificar nas gerações passadas.

Antes da instauração do sistema capitalista flexível, o tempo era linear. Nele as conquistas se faziam passo a passo, de forma construtiva e planejada. O trabalho se fazia como referência e direção de vida e, mais além, permitia envolvimento mais duradouros e comprometimento mais efetivo com o dever. Ao trabalhador era concedida a certeza de ser útil e necessário, e sua vida então se

¹ Papéis individuais na sociedade.

solidificava dia a dia através de sua carreira, com a transposição dessas conquistas para a vida familiar e a social.

Com o advento do regime capitalista modernizado, a competição por um lugar no mercado chega ao extremo da ignorância dos sentimentos, valores e experiências adquiridos ao longo da vida, e a incerteza da imprescindibilidade nos leva a cada um à pergunta de Sennett (2009, p. 174): “Quem precisa de mim?.” A essa, pode-se acrescentar: Que valor eu tenho, se posso a qualquer momento ser descartado como um objeto preterido? Como transmitir à nova geração valores morais que são contraditos pela experiência real?

Essas são questões que nos sobressaltam diariamente, reservando-nos ao enfrentamento da sensação de fracasso, da impressão de que estamos sempre atrasados, de nunca atingirmos uma capacitação boa o bastante para nos assegurar uma qualidade de vida digna e da tensão constante provocada pela sensação de estarmos à deriva, soltos, desamparados.

Sennett (2009) caracteriza o trabalho em equipe, como hoje se faz, ser de extrema importância nas instituições como um trabalho baseado na invisibilidade de um chefe que continua exercendo controle e poder, por vieses disfarçados pela concessão de autonomia aos funcionários – concessão essa que lhe permite, na verdade, a omissão de sua responsabilidade frente aos equívocos, as necessidades e os direitos dos trabalhadores. Estes, visto terem adquirido “liberdade” para desempenhar suas tarefas, desde que sejam as mais produtivas e lucrativas possíveis, adquirem simultaneamente a responsabilidade por seus erros e dificuldades na realização dos objetivos da empresa.

A equipe então funciona como tal enquanto garante o sucesso de suas ações, mas, à medida que deslizos operacionais são cometidos,

instantaneamente se individualizam suas decorrências, acarretando ao indivíduo a carga de não poder errar e ao mesmo tempo ter que provar a capacidade de assumir riscos.

Neste ponto, podemos nos reportar à Polícia Militar de Minas Gerais (PMMG), onde não há, de acordo com o que os próprios militares expressam em relatos a Oficiais psicólogos da Instituição, autonomia para o desempenho de suas funções. Não é lícito, como desabafam, adaptar as decisões a serem tomadas ao trabalho real, devendo eles se ater ao que foi prescrito pelas normas e resoluções. Entretanto, apesar de não haverem adquirido a liberdade citada acima pela invisibilidade de um chefe – pois no militarismo o chefe é veementemente presente –, é comum e frequente entre os militares, segundo depoimentos em entrevistas com Oficiais psicólogos, o sentimento de desamparo institucional em face das decorrências inerentes ao trabalho policial.

Ao se envolverem em ocorrências onde há necessidade de tirar a vida de infratores em legítima defesa, respondem a processo criminal com recursos financeiros próprios. Quando uma viatura é danificada em um acidente decorrente de perseguição policial, o motorista deve ressarcir o Estado. Como desabafa um militar, em um encontro com Oficiais psicólogos, “nós, policiais militares, trabalhamos representando o Estado. Na hora que dá um problema, o Estado sai e deixa o militar se defender sozinho.”

Segundo Sennett (2009), os laços sociais se originam da mútua dependência entre os homens, o que denuncia que os outros precisam de nós e que, portanto, nossas ações devem ser responsáveis para com eles. Tal deveria ser o verdadeiro espírito de equipe que, no entanto, se ofusca ante a falta de responsabilidade moral característica do atual regime econômico-social. São palavras do autor:

Está faltando o Outro, e assim estamos desligados. (...) Esse é o problema do caráter no capitalismo moderno. Há história, mas não narrativa partilhada de dificuldade, e portanto tampouco destino partilhado. (SENNETT, 2009, p. 175)

Visto que não há escalada sem tombos e arranhões, não há disputa sem tropeços, não existe progresso sem enganos. As exigências do novo capitalismo invocam o surgimento do “homem irônico”, que faz e diz o contrário daquilo que pensa ou sente, com o objetivo de se preservar ou com a intenção de depreciar o outro para tomá-lo o lugar. Em suma, surge o homem mais que nunca descrente de si mesmo.

As consequências do “ser irônico” são facilmente observáveis e constatadas – a superficialidade das relações, a solidão que devasta a subjetividade e a falta de confiança no outro, condições suficientes para o desgaste do caráter e o adoecer da alma.

Sennett (2009) observa, contudo, que algo de inesperado surge como reflexo das condições geradas pela nova estrutura capitalista. Em face da solidão com que a humanidade tem se deparado, buscase, na comunidade, o resgate do senso de pertença como forma de defesa e de proteção contra os males causados pela flexibilização.

Jorge Forbes, psicanalista e médico psiquiatra, discorre sobre essa falta do Outro na globalização, na pós-modernidade, em que a passagem da ordem vertical à ordem horizontal leva a um enfraquecimento das funções verticais do pai, do patrão, da pátria, levando da era “pai orientada” à do homem “desbussolado”. Diz:

Como as pessoas tomam decisões então? Destituída de uma ordem geral a que se submeteu - um Outro -, ela precisa encontrar nova referência, uma referência fruto do contato com os ‘outros’, seus

iguais. Ela precisa fazer um cálculo coletivo de suas circunstâncias - percebendo uma lógica que não se completa por si, que depende do tempo e do movimento dos outros para se estabelecer. (FORBES, 2012, p.129)

Há que verificar, entretanto, como nos alerta Sennett (2009), a legitimidade da comunhão buscada, visto que não há partilha verdadeira em laços frágeis e efêmeros, não há acolhimento sem confiança mútua, não há reconhecimento sem lealdade e, portanto, não há sentimento de pertença sem familiaridade com o entorno no qual buscamos nos inserir. Nesse sentido, o autor revela a periculosidade do pronome *nós*:

Essa visão do nós comunal é muito mais profunda que a partilha muitas vezes superficial de valores comuns que com frequência aparece no moderno comunitarismo (...). O trabalho em equipe, por exemplo, não reconhece diferenças em privilégio ou poder, e por isso é uma forma fraca de comunidade; supõe que todos os membros da equipe de trabalho partilham uma motivação comum, e é exatamente essa suposição que enfraquece a verdadeira comunicação. Fortes laços entre as pessoas significam enfrentar com o tempo suas diferenças. (SENNETT, 2009, p. 171)

Há muito o homem enfrenta dificuldades com as diferenças, fazendo das divergências motivo de guerra e destruição; há muito o homem se mantém no estágio infantil de sua evolução, onde o diferente e o novo o ameaçam a ponto de reagir com ataques e expulsão daqueles que não satisfazem seus caprichos e anseios, daqueles que trazem reflexões que limitam seus devaneios de poder e ambição. Há muito a humanidade luta para lidar com os resultados de sua

própria conduta, ainda não destituída de fortes traços egoístas e mantenedores do mal-estar social. Há muito, impulsos impensados têm produzido maiores obstáculos à trajetória humana, retardando seu progresso e delimitando seu campo de ação à revisão de feitos malsucedidos e maculados pelo sofrimento.

Neste ponto, vale que se dirija à origem do capitalismo para que se entenda sua característica inerente de poder destrutivo. Robert Kurz, sociólogo e ensaísta alemão, em seu artigo *A Origem Destrutiva do Capitalismo*², diz que:

As forças produtivas da indústria não poderiam ter sido a causa decisiva para o nascimento do capitalismo moderno mas sim a sua consolidação plena. Não foi porém a força produtiva, mas pelo contrário, uma retumbante força destrutiva que abriu caminho à modernização, a saber, a invenção das armas de fogo. A inovação das armas de fogo destruiu as formas de dominação pré-capitalistas. (...) Os soldados foram os primeiros ‘assalariados’ modernos que tinham de reproduzir sua vida exclusivamente pela renda monetária e pelo consumo de mercadorias. A eles era indiferente quem matar, pois o soldo ‘interessava’; com isso eles se tornaram os primeiros representantes do “trabalho abstrato” no moderno sistema produtor de mercadorias. Aos chefes e comandantes dos ‘soldados’ interessava angariar recursos por meio de butins e convertê-los em dinheiro. Para tanto a renda dos butins tinha de ser maior do que os custos com a guerra. Eis a origem da racionalidade econômico-empresarial moderna. Do mesmo modo que os ‘soldados’, como artesãos sanguinários da arma de fogo, foram os protótipos do assalariado moderno, assim também

2 Artigo publicado em 30/03/97 no caderno Mais! Do jornal Folha de São Paulo.

os comandantes de exército ‘multiplicadores de dinheiro’ foram os protótipos do empresariado e de sua ‘prontidão ao risco’.

Neste sentido, pouco admira que o vertiginoso desenvolvimento capitalista das forças produtivas desde a primeira Revolução Industrial pudesse ocorrer senão de forma destrutiva, apesar das inovações técnicas aparentemente inocentes. A moderna democracia do Ocidente é incapaz de ocultar o fato de ser herdeira da ditadura militar e armamentista do início da modernidade – e isso não só na esfera tecnológica, mas também em sua estrutura social. Sob a fina superfície dos rituais de votação e dos discursos políticos, encontramos o monstro de um aparato que administra e disciplina de forma continuada o cidadão aparentemente livre do Estado em nome da economia monetária total e da economia de guerra a ela vinculada até hoje. (KURZ, 1997)

Atualmente, os butins não são convertidos diretamente em dinheiro, mas continuam sendo a mola mestra da produtividade dos policiais militares, por meio do que representam. A quantidade de drogas e armas apreendidas se torna meta para definição de estatísticas favoráveis ao bom desempenho, sobrepujando os trabalhos de prevenção. Nessa vertente, dos policiais espera-se a constante prontidão ao risco, em nome dos resultados mensuráveis projetados para o sucesso da missão. No entanto, a busca pelo reconhecimento e a pressão gerada pela demanda numérica instauram a competitividade entre membros de uma mesma equipe e entre unidades de uma mesma corporação, o que leva, muitas vezes, a ações pautadas no “salve-se quem puder”, em que “os fins justificam os meios”.

As consequências do novo capitalismo, portanto, têm sua origem em épocas anteriores, ultrapassam o âmbito pessoal e abrangem não somente a sociedade mas também as condições ambientais de sobrevivência. As modificações no campo do trabalho são reflexos da busca incessante do homem por autonomia e reconhecimento, muitas vezes confundidos com anomia, o que tem gerado a perda do referencial ético e o comprometimento das relações. Não há relações efetivas e duradouras sem regras, não há reconhecimento do outro sem a Lei que nos delimite o espaço.

Se ao novo capitalismo adere-se como condição suprema o repúdio à burocracia e à monotonia laboriosa, há que se ressaltar que mesmo a liberdade não prescinde de normas, projetos, direcionamento e disciplina. À idolatria da capacidade de assumir riscos requerida pelo mercado atual, Sennett (2009) coloca em contraposição que estar permanentemente em risco favorece o adoecimento e é mais deprimente que promissor.

Obviamente não é sem motivos que o moderno regime econômico se caracteriza pela banalização de suas decorrências – o elevado nível de doenças psicossomáticas, os distúrbios mentais diversos, os altos índices de acidentes e doenças relacionadas ao trabalho e a falta de perspectivas que muitas vezes leva à fragmentação subjetiva, aos homicídios e suicídios.

Se para o desenvolvimento humano torna-se indispensável a disposição ao risco, igualmente o é a utilização de “equipamentos de proteção” que permitam sua sobrevivência ao desbravar a vida. Dentre esses “equipamentos” está o caráter que, mesmo corroído pelas mudanças impostas, em muitos ainda não se encontra corrompido, o que pode salvar a humanidade de um iminente colapso pelo desvario capitalista no qual os “grandes” devoram os “pequenos”.

Aos homens falta tornarem-se mais conscientes para valorizarem suas existências, acreditando em suas potencialidades construtivas. Aos profissionais da saúde em particular, cabe o dever de continuar denunciando as reais condições em que estamos envolvidos e de apresentar propostas contundentes à preservação do caráter.

Como nos incita Forbes (2012, p. 121), “o homem desbussolado continuará sem rumo se não lhe oferecermos a responsabilidade frente ao acaso, à surpresa, enfim, frente ao seu inconsciente”. Não se aplicam mais ao momento atual, desculpas do tipo “foi sem querer”, “a vida me levou a isso”, “estou assim por causa de fulano ou ciclano”. Se está faltando o *Outro*, à preservação do caráter torna-se necessária a responsabilidade (habilidade de dar resposta) com autonomia (faculdade de se governar por si mesmo).

Como profilaxia e tratamento dos males causados pelo poder concedido a uns em detrimento da submissão de outros com os avanços alcançados no novo capitalismo, vale a reflexão seguida de urgentes reações: aonde pensamos chegar, pagando um preço tão alto por nos mantermos na condição de “cordeiros” da perversa ordem político-econômica que se conserva nos dias atuais?

“Onde fica a saída?”, perguntou Alice ao gato que ria. “Depende”, respondeu o gato. “De quê?”, replicou Alice. “Depende de para onde você quer ir...” (CARROLL, 2002).

REFERÊNCIAS

CARROLL, Louis. **Alice no país das maravilhas**. Edit. Arara Azul, 2002. Disponível em: <www.ebooksbrasil.org>. Acesso em: 10 set. 2017.

FORBES, Jorge. Inconsciente e responsabilidade: psicanálise do século XXI. Barueri, SP: Manole, 2012.

Um diálogo com Richard Sennett em a corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo – reflexos na prática policial-militar

KURZ, Robert. A Origem Destrutiva do Capitalismo. Caderno Mais!. Folha de S. Paulo, São Paulo, 30 mar.1997 Disponível em: <www1.folha.uol.com.br>.Acesso em: 05 set. 2016.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: consequências pessoais do novo capitalismo.** Rio de Janeiro: Record, 2009.